

CANCIÓN DE JINETE: o olhar equidistante da paisagem proibida *CANCIÓN DE JINETE: the equidistant view of the forbidden landscape*

Adriany NEGRÃO¹  

Shelsea Patricia FIGUEIREDO²  

George Hamilton PELLEGRINI³  

RESUMO: Esta comunicação se propõe analisar, desde a perspectiva dos estudos comparados e da teoria da paisagem, o poema *Canción de Jinete*, de Federico García Lorca, e a poesia de resistência brasileira produzida após o golpe militar de 64 (Ferreira Gullar, Thiago de Mello, Geração mimeógrafo etc.). Para tal, se tomará como suporte teórico e filosófico os conceitos de paisagem e complexidade (Claudio Guillén, Michel Collot, Anne Cauquelin, Agustín Berque, Alain Roger, Gilles Deleuze, Manuel Ángel Vázquez-Medel, Édouard Glissant) para buscar paralelos e similitudes, na construção da paisagem proibida, entre o poeta espanhol e a poesia brasileira. As ditaduras militares têm consequências nefastas sobre qualquer comunidade e um dos segmentos mais perseguidos, pelo seu poder de persuasão, é o artístico/intelectual. Assassinatos, tortura e exílios são os principais recursos utilizados pelos usurpadores para calar a voz dos que resistem a viver sob a sombra do totalitarismo. Como constructo cultural, a paisagem literária sofre a influência das circunstâncias espaço-temporais em que se encontra o poeta. A paisagem apreendida em experiências de opressão e desterro registra a violência que pode exercer o ser humano em situações de poder, permanecendo como testemunho histórico de uma tragédia que não deveria se repetir, nem esquecer.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Paisagem. Ditadura. Federico García Lorca. Poesia de resistência.

ABSTRACT: *This communication proposes to analyse, from the perspective of comparative studies and landscape theory, the poem *Canción de Jinete*, by Federico García Lorca, and the Brazilian resistance poetry produced after the military coup of 1964 (Ferreira Gullar, Thiago de Mello, mimeograph generation...). To this end, the concepts of landscape and complexity (Claudio Guillén, Michel Collot, Anne Cauquelin, Agustín Berque, Alain Roger, Gilles Deleuze, Manuel Ángel Vázquez-Medel, Édouard Glissant) will be taken as a theoretical and philosophical support to seek parallels and similarities, in the construction of the forbidden landscape, between the Spanish poet and Brazilian poetry. Military dictatorships have disastrous consequences on any community and one of the most persecuted segments, due to its power of persuasion, is the artistic/intellectual. Murders, torture and exile are the main resources used by usurpers to silence the voices of those who resist living under the shadow of totalitarianism. As a cultural construct, the literary landscape is influenced by the space-time circumstances in which the poet finds himself. The landscape apprehended in experiences of oppression and exile records the violence that human beings can exercise in situations of power, remaining as a historical testimony of a tragedy that should not be repeated, nor forgotten.*

KEYWORDS: *Literature. Landscape. Dictatorship. Federico Garcia Lorca. Resistance poetry.*

¹ Graduada em Letras/espanhol – Universidade Federal do Pará/Campus de Castanhal. E-mail: adriany.silva@icsa.ufpa.br

² Graduada em Letras/espanhol – Universidade Federal do Pará/Campus de Castanhal. E-mail: shelseafgrd@gmail.com

³ Doutorado em Comunicação - Universidad de Sevilla. Professor Adjunto da Universidade Federal do Pará. E-mail: pellegrini@ufpa.br

Introdução

O poema de Federico García Lorca *Canción de Jinete* publicado no livro *Canciones 1921-1924*, relata a história de um cavaleiro que sonhava em chegar na cidade de Córdoba, e apesar da certeza que o cavaleiro tinha de que nunca chegaria à cidade com vida, ele persistia em sua jornada junto com seu cavalo. Levando em conta os temas abordados no poema de García Lorca, como a presença da morte, a persistência, e até a valentia ao ir em direção a um futuro trágico, buscamos as diferenças e semelhanças existentes entre os poemas dos brasileiros Thiago de Mello, *Filho da floresta*; Carlos Drummond de Andrade, *Paisagem: como se faz?*; Ruy Espinheira Filho, *Marinha* e Ferreira Gullar, *Dois e dois: quatro*.

No poema *Paisagem: como se faz?*, de Carlos Drummond de Andrade, extraído da obra *As impurezas do Branco* (2012), fala de uma paisagem que não existe mesmo que o sujeito a esteja vendo, pois ele não aceita que o que está diante dos seus olhos seja chamado de paisagem. Para ele, com o tempo, uma paisagem existirá neste lugar que ele vê como um branco a ser tingido.

O poema *Marinha*, de Ruy Espinheira Filho, que compõe a *Antologia poética* (1996), mostra a morte representada através de um objeto e como esse objeto influencia na paisagem, criando uma conexão entre elas, mesmo sendo diferentes.

Filho da Floresta, água e madeira (1987) é um poema de Thiago de Mello. Fala do amor do sujeito pela floresta, dando alguns detalhes de como era essa paisagem que ele tanto contempla. Ademais, fala das lembranças de sua infância, que vem representando a pureza, que chega e limpa as impurezas que os homens deixam na paisagem.

O poema de Ferreira Gullar, *Dois e dois: quatro* (1966), fala da esperança que há de dias melhores, que apesar das dificuldades que havia na sua vida, ele ainda sentia que a vida valia a pena, não pelo presente angustiante e cheio de limitações, mas sim pela esperança de um futuro melhor.

Paisagem na Literatura

Tendo como base as teorias de Claudio Guillén em *Paisaje y Literatura, o los fantasmas de la otredad*; de Manuel Ángel Vázquez de Medel, em *Teoría del Emplazamiento*; de Gilles Deleuze e Félix Guattari, em *Mil Mesetas*; de Édouard Glissant, em *Tratado del Todo Mundo*; de Alain Roger, em *Breve tratado del paisaje*; e de Michel Collot, em *Poética e Filosofia da Paisagem*, será trabalhada

a paisagem em seu sentido figurado, não sendo retratada em sua extensão real ou geográfica. A paisagem se forma a partir do ponto de vista emocional do indivíduo.

Na literatura, é mais importante saber o que a paisagem tem para expressar do que buscar compará-la com a “paisagem” a que foi inspirada.

Michel Collot afirma que, para o surgimento da paisagem, não é necessário ter um conhecimento técnico e sim saber quais as relações que unem cada ponto da paisagem observada: “O sentido de uma paisagem não resulta de uma análise intelectual dos elementos que a compõem, mas de uma apreensão sintética das relações que os unem” (COLLOT, 2013, p. 23). A paisagem não pode apenas ser vista com os olhos, ela também pode ser sentida através de outros sentidos, cada forma de sentir a paisagem faz com que a pessoa tenha uma nova experiência.

A paisagem não é apenas vista, mas percebida por outros sentidos, cuja intervenção não faz senão confirmar e enriquecer a dimensão subjetiva desse espaço, sentido de múltiplas maneiras e, por conseguinte, também experimentado. (COLLOT, 2013, p. 26)

Para que o ser humano tenha diferentes visões e experiências ao que se refere a paisagem é preciso que ele saia do meio ao que está inserido e se permita conhecer diferentes espaços e culturas, para isso é necessário que haja um diálogo e respeito pela cultura do próximo e pela sua própria cultura, como nos afirma Manuel Ángel Vázquez-Medel e sua *Teoría del Emplazamiento*:

La Teoría del Emplazamiento no es una mirada que desee sustituir o remplazar otras miradas; en todo caso busca reemplazarlas. Muy al contrario, es territorio de tránsito, espacio compartido, catalizador que permite que elementos muy distintos de distintas tradiciones del pensamiento puedan entrar en diálogo y reaccionar entre sí. (VÁZQUEZ MEDEL, 2003, p. 28)

De acordo com Michel Collot, a paisagem seria um espaço concebido por um sujeito, isto é, ela seria o que o indivíduo ver de acordo com o que sente naquele momento. Inclusive ao observar uma obra em que há uma paisagem, não se busca reconhecer de onde a imagem foi inspirada, mas sim o que o autor queria expressar através dela, e mais, o que ele sentiu quando a viu. Por isso Collot afirma que a paisagem não é um espetáculo que deve ser apenas visto, mas a sua representação está ligada diretamente com o corpo e alma, falando assim, com todos os sentidos que o ser humano possui.

Apesar da primazia que a tradição ocidental confere à visão, a paisagem não poderia se reduzir a um puro espetáculo. Ela se oferece igualmente aos outros sentidos, e tem relação com o sujeito inteiro, corpo e alma. Não apenas se dá a ver, mas também a sentir e a ressentir.” (COLLOT, 2012, p. 51)

A paisagem na literatura existe de acordo com o sentimento que colocamos nela, isto é, a paisagem seria composta pelos sentimentos que pertence somente aos seres humanos. Sendo criada e expressada pelo que sente o indivíduo ao vê-la. Se não fosse assim, ela seria somente uma extensão de terreno, sem nada a expressar.

Claudio Guillén, em *Paisaje y Literatura: o los fantasmas de la otredad*, parte dos mesmos princípios de Collot, em que ressalta a importância da ausência do ser humano na paisagem, porém também fala que seria pelo olhar humano que a paisagem seria concebida:

No tendríamos paisaje si el hombre no se retirase decisivamente de él, si su protagonismo no cesara de ser visible. (...) Pero por otra parte es precisamente la mirada humana lo que convierte cierto espacio en paisaje. (GUILLÉN, 1989, p. 78)

Na literatura a paisagem é uma interação do exterior com o interior, sendo uma conexão constante do que há dentro com o que há fora. Sendo vista em sua extensão geográfica e concebida através dos sentidos que há nos seres humanos, passando a existir a partir do momento em que o indivíduo a reproduz com o intuito de expressar os seus sentimentos através dela.

No poema *Canción de Jinete*, o cavaleiro anuncia o lugar a que deseja chegar. Uma paisagem que, segundo o seu olhar, era inalcançável e transmitia um sentimento de solidão.

O cavaleiro demonstra a sua angústia e a certeza de que ainda que saiba o caminho correto, nunca poderá chegar ao seu destino. Quando diz: “Jaca negra, luna grande, y aceitunas en mi alforja.” Nota-se que seu cavalo e a lua que iluminava o seu caminho seria a conexão entre ele e a paisagem que o cerca. “O sentido de um texto literário, tal como o de uma paisagem, é indissociável de sua textura sensível, a saber, de seus significantes.” (COLLOT, 2012, p. 59) A lua era mais que um componente da paisagem, a única luz em todo o seu caminho, podendo ser interpretada, também, como a representação da esperança de chegar na cidade de Córdoba.

Por el llano, por el viento,
jaca negra, luna roja.
La muerte me está mirando
desde las torres de Córdoba. (LORCA, 1993)

Quando escreve “lua vermelha” é como se a cor representasse o seu destino, seu futuro. O vermelho da lua significaria a sua futura morte. Segundo Guillén: “Leonardo Da Vinci ensina nos seus escritos – Tratado da Pintura – como deve-se representar os componentes paisagístico, mas não sem referências e comparações antropocêntricas, (...)” (GUILLÉN, 1989, p. 81). Isto é, o vermelho até então era somente uma cor, porém, neste caso, foi utilizado na paisagem, na cor da lua, para representar o futuro trágico do cavaleiro.

A paisagem que se encontrava a sua frente, ainda que longe, era aonde ele queria chegar. Ainda que soubesse que não chegaria na cidade vivo, essa paisagem dava-lhe medo e, ao mesmo tempo, coragem para desafiar a certeza que ele tinha dentro de si, a certeza da sua morte.

¡Ay qué camino tan largo!
 ¡Ay mi jaca valerosa!
 ¡Ay, que la muerte me espera,
 antes de llegar a Córdoba! (LORCA, 1993)

Em seguida nota-se o seu desespero, o caminho longo que lhe separa da cidade de Córdoba e, ao mesmo tempo, lhe aproxima da morte. A paisagem em que queria chegar, ainda que tivesse a certeza que jamais chegaria, era o que o fazia cavalgar para a cidade proibida. Os pontos de exclamação em cada verso, enfatiza o desespero que leva dentro de si. O desespero pelo caminho ser longo, pelo seu cavalo que o acompanha e pela morte que o observava das torres de Córdoba. A paisagem de Córdoba lhe transmitia medo e ao mesmo tempo, esperança.

Ao terminar com “Córdoba. Lejana y sola.”, sente-se o seu lamento, porque apesar de ter cavalgado por bastante tempo, o caminho longo fez com que ele se encontrasse como se estivesse no começo, mas agora a solidão que via somente na cidade, sentia dentro dele. Agora com a certeza que estava distante da cidade que desejava chegar e próximo a sua morte, a paisagem que antes lhe trazia esperança de vida, dava-lhe a certeza da morte.

Em *Canción de Jinete* se nota a presença da morte em cada estrofe. Ainda que a morte seja a única certeza que o cavaleiro possui em sua jornada, isso não o faz desistir de continuar seu caminho.

No poema *Paisagem: como se faz?* de Carlos Drummond de Andrade, o poeta fala de uma paisagem que segundo ele existe, mas não como era antes, pois foi destruída pela ação do homem. O único que existe é um espaço vazio, como diz Anne Cauquelin em *A invenção da paisagem*: “A paisagem participa da eternidade da natureza, um constante existir, antes do homem e, sem dúvida, depois dele.” (CAUQUELIN, 2007, p. 39).

Por enquanto o ver não vê; o ver recolhe
 fibrilhas de caminho, de horizonte,
 e nem percebe que as recolhe
 para um dia tecer tapeçarias
 que são fotografias
 de impercebida terra visitada. (DRUMMOND, 2012)

Ele fala de uma paisagem que se vê sem se ver, como se não estivesse ciente de que diante dos seus olhos existe uma paisagem, isso nos leva ao que nos diz Guillén: “o olhar humano é o que

converte certo espaço em paisagem.” (GUILLÉN, 1989, p. 78). Será esse olhar que fará que o espaço seja reconhecido como paisagem.

O poeta afirma, que a paisagem não existe, apesar de a estar vendo, ele não a aceita como tal, dando a entender que, com o tempo, sim haverá uma paisagem, porém o que ele via no momento não era uma. Em contraste com o poema de García Lorca, *Canción de Jinete*, em que o eu lírico em nenhum momento coloca em dúvida a existência da paisagem. Ao contrário, ele começa o poema como se estivesse se lamentando porque estava longe dela, e até o final, ainda que ele nunca chegasse a Córdoba, ela seguiria existindo.

O poema de Ruy Espinheira Filho, *Marinha*, mostra uma conexão entre a máquina e a paisagem. Gilles Deleuze y Félix Guattari nos diz, em seu livro *Mil Mesetas* (2002), que em um rizoma, todas as conexões são possíveis, sendo elas diferentes ou não.

Meus olhos testemunham
a invisibilidade das ondinas,
a lenta morte dos arrecifes
e os canhões de Amaralina.
[...]
Tudo está certo: mar, coqueiros,
aquela nuvem pequenina...
Mas - o que querem na paisagem
os canhões de Amaralina? (ESPINHEIRA FILHO, 1996)

A representação da morte em forma de objeto seria um ponto de conexão entre o poema de García Lorca, *Canción de Jinete*, com o de Ruy Espinheira Filho, *Marinha*, pois mostra que há a consequência das mortes dos arrecifes, que se pode entender que seria pela presença de canhões no local.

No decorrer do poema, a imagem dos canhões representa a inquietação, e ao princípio vem representando a morte. Neste poema, a morte vem sendo representada na forma de canhões. No poema de García Lorca, a morte aparece na forma das torres de Córdoba, a cidade em que o cavaleiro queria chegar.

O poema *Filho da Floresta, água e madeira*, de Thiago Mello, fala do amor que ele tem pela floresta, um lugar que o faz ter esperança e lhe dá inspiração.

Filho da floresta,
água e madeira
vão na luz dos meus olhos,
e explicam este jeito meu de amar as estrelas
e de carregar nos ombros a esperança.

Um lugar rodeado de árvores e água, com um céu cheio de estrelas. Também fala sobre as lembranças da sua infância, que representa a pureza. Essas lembranças chegam e limpam as impurezas que os homens deixaram na paisagem que ele tanto admirava. Uma paisagem que com o tempo foi destruído pelas mãos dos homens: “Um lanho injusto, lama na madeira”:

Se notará que el paisaje será muchas veces el solaz y consuelo del paseante solitario, del amargado, del desengañado. Y también, o al mismo tiempo, de quien se aleja de las discordancias y las injusticias de la sociedad. (GUILLÉN, 1989, p. 88)

As lembranças de sua infância são o seu consolo para enfrentar a sua atual realidade, e a paisagem muitas vezes será buscada quando alguém quer se afastar das injustiças da sociedade, assim como o filho da floresta recorre as suas lembranças.

Do mesmo modo, é possível encontrar no poema de Lorca o sentimento da esperança, o cavaleiro sabia que iria morrer, via a morte lhe observando, mas ainda assim seguia o seu caminho. No poema de Thiago de Mello, a sua avó acordava todos os dias de madrugada, para esperar uma canoa que sabia que nunca mais chegaria, ainda assim, todos os dias ela a esperava, vestida sempre de escuro, uma tonalidade que poderia representar o luto. O sentimento de esperança encontrado nos dois poemas seria a conexão existente entre o *Filho da Floresta* e a *Canção de Jinete*, pois assim como a certeza da morte não fez o cavaleiro mudar de caminho ou desistir da sua jornada, a certeza de que a canoa jamais voltaria, não fez a avó desistir de esperá-la.

O poema de Ferreira Gullar, *Dois e dois: quatro*, começa dizendo que a vida vale a pena apesar de todas as dificuldades que existe.

Como dois e dois são quarto

Sei que a vida vale a pena
Embora o pão seja caro

E a liberdade pequena. (GULLAR, 1996)

Ao afirmar que o pão é caro, entende-se que o simples ato de comprar comida, ou melhor, o pão, que seria o alimento mais simples e, teoricamente, o mais barato, tornou-se complicado pela falta de dinheiro. E quando ele diz que a liberdade é pequena, pode ser interpretado como se alguém os estivesse reprimindo, e não somente a ele, mas que seria uma realidade de todos, e ainda assim, para ele, a vida valia a pena.

Como teus olhos são claros
e a tua pele, morena
como é azul o oceano
e a lagoa, serena. (GULLAR, 1996)

Ao referir-se a lagoa serena, não somente a lagoa, mas sim adicionando o sentimento de serenidade a ela, nota-se o que ele buscou na paisagem, a tranquilidade para passar por aqueles dias difíceis. De acordo com René-Louis Girardin, a paisagem só existe porque o ser humano a cria: “uma paisagem, uma cena poética, é uma situação escolhida ou criada pelo gostar e o sentimento.” (GIRARDIN, 1992, p. 55). A paisagem existe quando colocamos nossos sentimentos nela, como no caso do sujeito do poema, que buscou a serenidade/tranquilidade que necessitava na lagoa.

Como um tempo de alegria
por trás do terror me acena
e a noite carrega o dia
no seu colo de açucena. (GULLAR, 1996)

Quando ele diz que “um tempo de alegria por trás do terror me acena”, fala da esperança em tempos melhores, por trás do terror. Seria como se ele visse que, no futuro, o “pão” já não seria caro e a liberdade não seria pequena. Que apesar das dificuldades existentes no seu presente, ele via um futuro melhor para todos e seria justamente esta esperança que fazia a vida valer a pena. Ao dizer que “a noite carrega o dia”, a noite faria referência à escuridão e o dia à luz. A da escuridão que havia naquele momento, a luz seria a esperança de dias melhores, e que era essa esperança que o movia, que ele carregava dentro de si e fazia a vida valer a pena.

No poema de Ferreira Gullar, a esperança de dias melhores é o que faz a vida valer a pena. É o que o move dia a dia e o faz suportar as dificuldades existentes em seu presente cheio de limitações. Em *Canción de Jinete*, a esperança também é a que move o cavaleiro, a esperança de chegar ao lugar tão almejado. Em contraste com o poema de Ferreira Gullar em que o sujeito é capaz de ver a alegria no futuro, por trás de todo o terror do seu presente, o cavaleiro via no seu futuro a morte, e apesar da esperança que ainda havia nele de chegar a Córdoba, ele tinha a certeza que a morte o alcançaria antes. Já o sujeito do poema de Gullar tem como certeza dias melhores no seu futuro e não sua morte.

Conclusão

Canción de Jinete, de Federico García Lorca, nos faz identificar a persistência e o desespero do cavaleiro por chegar a uma determinada cidade. No decorrer do poema vemos que ele sabia que não chegaria e que, de certo modo, seu esforço seria em vão porque a morte o alcançaria antes que ele pudesse alcançar a sua meta. Porém, o cavaleiro não desiste e insiste até que a morte o detém, é um poema em que podemos ver como uma paisagem pode fazer com que uma pessoa possa ter diferentes sentimentos.

Partindo dos principais temas como a paisagem equidistante que o cavaleiro tanto almejava, a certeza da morte, a solidão e a esperança que o fazia persistir, fizemos conexões com os poemas de grandes autores brasileiros, em que a paisagem era, muitas vezes, o único refúgio do sujeito do poema.

Por último, podemos ver como a paisagem pode ter diferentes significados diante dos olhos de quem a está vendo. Uma paisagem nunca será a mesma para todas as pessoas, como nos diz Michel Collot em *Poética e Filosofia da Paisagem*: “A paisagem não é apenas vista, mas percebida por outros sentidos [...]” (COLLOT, 2013, p. 26). Um lugar ou objeto é observado de diferentes maneiras por cada sujeito, cada um tem uma percepção e experiência diferente a partir da sua própria visão.

Referências

- COLLOT, Michel. **Poética e Filosofia da Paisagem**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2013.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil Mesetas: Capitalismo y esquizofrenia**. Valencia: PRE-TEXTOS, 2002.
- DRUMMOND, Carlos. **As impurezas do Branco**. Rio de Janeiro: Companhia das letras, 2012.
- ESPINHEIRA FILHO, Ruy. **Antologia Poética**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1996.
- GIRARDIN, René-Louis. **De la composition des paysages**. Seyssel: Champ Vallon, 1992.
- GLISSANT, Édouard. **Tratado del Todo Mundo**. Barcelona: Éditions Gallimard, 1997.
- GUILLÉN, Claudio. Paisaje y Literatura, o los fantasmas de la otredad. **Actas del X Congreso de la Asociación Internacional de Hispanista**. Barcelona, 1989.
- GULLAR, Ferreira. **Dois e dois: quatro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- LORCA, García. **Canciones 1921-1924**. Madrid: Alianza, 1993.
- MELLO, Thiago de. **Vento Geral**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.
- ROGER, Alain. **Breve Tratado del Paisaje**. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 2007.
- VÁZQUEZ MEDEL, M. Á. **Teoría del emplazamiento: aplicaciones e implicaciones**. Sevilla: Alfar, 2003.

Como citar este artigo:

NEGRÃO, Adriany; FIGUEIREDO, Shelsea Patricia; PELEGRINI, George Hamilton. *Canción de Jinete: o olhar equidistante da paisagem proibida*. **Revista Narrares**– V.1, N.1, Jan-Jun, 2023, pp. 109-118.